

ESTUDO SOBRE JEJUM

Texto Base: Isaías 58.

5º dia. Versículos 09 e 10:

*Então clamarás e Iahweh (o Senhor) responderá,/ clamarás por socorro e ele dirá:/
“Eis-me aqui!”/ Isto, se afastares do meio de ti o jugo,/ o gesto ameaçador e a
linguagem iníqua;/ se tu te privares para o faminto,/ e se tu saciares o oprimido,/ tua
luz brilhará nas trevas,/ a escuridão será para ti como a claridade do meio dia. –
Bíblia de Jerusalém.*

O versículo oito, estudado ontem, é claramente condicional, e essas condições continuam no texto de hoje.

Devemos lembrar das exigências que Deus faz nos versos seis e sete para que um jejum seja “verdadeiro”:

1. **Soltar as correntes da injustiça** (*romper com os laços que nos prendem ao erro*);
2. **Desatar as cordas do jugo** (*desligar-se do que ainda pode ser abalável, ou seja, desligar-se das coisas e dos valores efêmeros desse mundo*);
3. **Pôr em liberdade os oprimidos** (*parar de oprimir ao próximo, deixando as pessoas em paz, sem impor aos nossos irmãos um peso que não lhes pertence*);
4. **Romper com o jugo** (*destruir em nossas vidas tudo aquilo que não pertence ao Senhor, tudo que pode ser abalado, que não é eterno*);
5. **Partilhar a comida com o faminto**;
6. **Abrigar o pobre desamparado**;
7. **Vestir quem está nu** (*cobrir as faltas uns dos outros, com amor e lealdade, e não ficar acusando o próximo pelos erros cometidos no passado*);
8. **Não recusar ajuda ao próximo** (*não nos esconder de quem precisa de ajuda*).

São oito diretrizes que, para Deus, resumem o jejum verdadeiro. Dissemos ontem e vale a pena ressaltar que isso fala de mudanças permanentes de caráter, de um posicionamento prático diante de Deus e da sociedade, assumindo a responsabilidade que nos é devida por termos aceitado viver dentro das leis do Reino Eterno de Jesus Cristo e seu Pai.

Recapitulando o que aprendemos até agora devemos lembrar que nossos estudos e a evidência bíblica, explícita e extremamente elucidativa no texto de Isaías 58, apontam para o jejum não como um ritual ocasional, onde por um curto período de tempo nos desligamos desse mundo e buscamos com mais afinco a vontade de Senhor, mas como uma mudança de mentalidade, voltando nossas vidas como um todo, e por todo o tempo, para os valores eternos do Reino de Deus. Ao nível da adoração individual é isso que conta para Deus como um jejum, a abstinência daquilo que tornaria feliz a nossa carne, e a entrega de nossas vidas ao serviço de Cristo e do próximo.

Até agora as diretrizes para um jejum que agrada ao Senhor são as oito citadas logo acima, são como regras de um jogo, se você cumprir todas as exigências de uma fase de “Super Mário”, por exemplo, **então** chegará na próxima. Esse **então** está presente por três vezes no capítulo cinquenta e oito de Isaías, nos versículos oito, nove e quatorze. Trata-se da tradução do advérbio hebraico “**az**”. O dicionário Aurélio define um advérbio como “*Palavra invariável que modifica um verbo, um adjetivo ou outro advérbio, exprimindo circunstância de tempo, lugar, [ou] modo*”. Strong traduz **az** como “*assim que, sendo assim*” (nº 227, 1b2). A Septuaginta esclarece um pouco mais nossa análise desse advérbio ao utilizar como versão para **az** o grego **tote**, um advérbio demonstrativo de tempo. Segundo Vine ele denota “*nesse ou naquele momento*”. Sua raiz etimológica nos permite traduzi-lo literalmente como “*contanto que aquilo aconteça*”. Assim: “**Contanto que aquelas oito condições para o verdadeiro jejum aconteçam em nossas vidas**” podemos partilhar das promessas do versículo nove.

“Você clamará ao Senhor, e ele responderá; você gritará por socorro, e ele dirá: Aqui estou.” (Nova Versão Internacional). A maioria das pessoas realiza o jejum com a intenção primária de ouvir a voz de Deus. Uma série de motivos são evocados para isso, talvez o maior deles é que “*mortificando a carne por meio da fome nos tornamos mais sensíveis para ouvir ao Senhor*”. Temos aprendido ao longo de nossa caminhada com Deus, a cada dia com maior intensidade e certeza, que Ele é Pai, diga-se de passagem o melhor e mais fiel dos Pais. Aqueles que foram agraciados pelo Senhor com o dom da paternidade ou da maternidade podem dizer se algum dia sequer passou por suas cabeças obrigar seus filhos a ficar dias sem comer para que eles possam conversar com vocês. Sem muita reflexão a resposta é “**NÃO!**”. Nosso Deus é santo, e isso é inquestionável, temos de ser santos exatamente como ele é (Levítico 11.44; 20.7; 1ª Pedro 1.16). Uma vida íntegra, pautada em humildade e serviço, é a condição para ouvirmos sua voz, não a abstinência temporária de algum tipo de alimento.

O mesmo se aplica a gritar por socorro à espera de alguma ajuda. Em Salmos 18 temos uma clara referência à resposta de Deus por causa da nossas atitudes. Podemos ver duas situações de clamor ao Senhor: no versículo 6, o pedido de socorro por parte do salmista, que era puro, justo e seguia o caminho do Senhor (versículos 20 e 21), além de ser humilde, critério para ser salvo (versículo 27). Já no versículo 41, ocorre um clamor por parte dos inimigos, mas que não foi respondido por terem atitudes de ímpios (versículo 21) e por terem olhos altivos, ou seja, serem orgulhosos (versículo 27). Assim, quando temos essas atitudes que vimos em Isaías, estamos muito mais próximos de ouvirmos a voz do Senhor dizendo que está ali, ao nosso lado, pronto para ser o nosso escudo e cuidar de nós.

“Isto, se”... Não nos surpreende que, numa nova condição para recebermos respostas da parte de Deus, não encontremos nada parecido com “ficar três dias sem comer alimento sólido”. **Clamaremos e seremos respondidos se...**

“se você eliminar do seu meio o jugo opressor” (Nova Versão Internacional). São três ocorrências da palavra **môtā**

apenas nesse capítulo de Isaías. Seu radical aparece dez vezes na Bíblia Hebraica (Levítico 26.13; 1º Crônicas 15.15; Isaías 58.6 [2x], 9; Jr 27.2; 28.10,12,13 [2x]; Ez 30.18; 34.27), e o estudamos com algum detalhe ontem. A questão que não quer calar aqui é por que é tão importante aos olhos de Deus “eliminar do nosso meio o jugo”. A Septuaginta, ao utilizar para essa palavra o radical **sundesmos** nos ajuda na compreensão dos termos. Essa palavra queria dizer “*laço, algo que mantém alguém preso*” (Strong, nº 4886), um exemplo desses laços é encontrado em Atos 8.23, quando o apóstolo Pedro repreende severamente Simão, um mago que queria usar seu dinheiro para comprar o dom de Deus: “*pois vejo que estás em fel de amargura e laço [sundesmon] de iniquidade*”, Almeida Revista e Atualizada. Por “*laço de iniquidade*” Pedro queria dizer “*aquilo que lhe mantém preso ao pecado*”. Já aprendemos aqui que “jugo” refere-se aquilo que pode ser abalado, e agora o texto grego da Septuaginta incrementa essa compreensão. Tudo aquilo que nos torna presos ao mundo, ao passado, ao pecado em si é um empecilho ao ouvir a voz de Deus. Tudo que é abalável em nossas vidas, tudo que nos prende **deve ser eliminado de nosso meio**, caso queiramos servir a Deus com intimidade suficiente para falarmos e sermos ouvidos.

“se você eliminar do seu meio o dedo acusador” (Nova Versão Internacional). Uma das mais terríveis maldições que pode abater a Igreja de Jesus Cristo é a “acusação”. Todos nós somos limpos e tornados santos através do sangue do Senhor Jesus, e mesmo que depois desse lavar pelo sangue venhamos a pecar e cometer os erros do passado, a primeira epístola de João garante que temos um advogado nos céus (1ª João 2.1). A Bíblia é clara sobre nossa condição de pecadores:

“Se afirmarmos que estamos sem pecado, enganamos a nós mesmos, e a verdade não está em nós. Se confessarmos os nossos pecados, ele é fiel e justo para perdoar os nossos pecados e nos purificar de toda a injustiça. Se afirmamos que não temos cometido pecado fazemos de Deus um mentiroso, e a sua palavra não está em nós” – 1ª João 1.8-10, Nova Versão Internacional.

Na muito conhecida oração do “Pai Nosso” temos um complemento ao versículo de Isaías:

“E perdoa-nos as nossas dívidas, assim como nós perdoamos aos nossos devedores” – Mateus 6.12, Almeida Corrigida e Fiel.

Isso é muito sério por três motivos. Primeiro, se nos julgamos no direito de acusar nossos irmãos do que quer que seja quando o próprio Deus já os perdoou, estamos afirmando estar numa posição superior a deles, dizendo que não pecamos como eles. João ensina que todos nós pecamos, e, caso alguém diga o contrário, é importante que se saiba que isso equivale chamar a Deus de mentiroso. Segundo, se acusamos nossos irmãos por erros pelos quais Jesus Cristo derramou seu sangue na cruz estamos, segundo o texto de Mateus, nos condenando. Quem não perdoa se condena, isso é uma lei espiritual, e não podemos passar por cima dela. Quem aponta o dedo para apontar os pecados de quem quer que seja está negando o benefício do perdão àquela pessoa, e com isso negando a si mesma o perdão de Deus. Terceiro, o significado da palavra grega para “**diabo**” é justamente “**acusador**”. Ou seja, quando acusamos quem quer que seja, pelo que quer que Deus já tenha perdoado e esquecido, estamos fazendo exatamente o papel devido a Satanás. O texto de Isaías afirma que não ouviremos Deus enquanto em nosso meio houver acusação, que pode ser interpretada também como “fofoca”, ou qualquer coisa do gênero. Devemos amar uns aos outros, perdoar os pecados uns dos outros, esquecer as faltas uns dos outros. Isso não quer dizer ser conivente com o erro ou o pecado, que deve desde sempre ser denunciado e corrigido, mas significa que quando alguém cair em pecado ou cometer algum erro, arrepende-se disso e estiver disposto a mudar de comportamento, devemos ser os primeiros a esquecer o que passou e fortalecer nosso irmão para que passe a viver em santidade.

“se você eliminar do seu meio (Nova Versão Internacional) **a linguagem iníqua**” (Bíblia de Jerusalém). As versões em português interpretaram de diversas maneiras esse item a ser eliminado: “**palavra maléfica**” (Tradução Ecumênica Brasileira) “**falsidade no falar**” (Nova Versão Internacional) “**falar iniquamente**” (Almeida Corrigida e Fiel) “**falar vaidade**” (Almeida Revista e Corrigida) “**falar injurioso**” (Almeida Revista e Atualizada). Todas elas traduzem o hebraico **wəḏabber-āwen**. *Wəḏabber* vem da raiz “**dabar**”, verbo genérico para expressões de linguagem, que a Septuaginta traduziu por **rhema**. Já *āwen* tem implicações mais profundas e chama nossa atenção para algo comumente negligenciado: as palavras que saem de nossas bocas. Esse substantivo hebraico, segundo Strong, é “*procedente de uma raiz não utilizada talvez significando apropriadamente, ofegar (portanto, esforçar-se, geralmente em vão); impiedade; idolatria*” (nº 205). Quantas de nossas palavras não são “em vão”? Quantas vezes não preferimos impiedades em nossa fala? Segundo Vine, as implicações de *āwen* são mais profundas: “**A palavra āwen, em certo sentido mais profundo, caracteriza o modo de vida daqueles que estão sem Deus**” (verbete INIQUIDADE, pg. 152). Esse é um alerta para nós e para toda a Igreja de Cristo quanto ao conteúdo de nossas conversas ou comentários. São inúmeras as vezes que não se pode distinguir o diálogo entre crentes em Deus, portanto, santos do Senhor, e ímpios. Falamos o que o mundo fala, nossas piadas envolvem sexo, preconceito, maldade generalizada; comentamos o que o mundo comenta, os mesmos programas de televisão, as mesmas fofocas, enfim, nossa linguagem ainda é fortemente caracterizada pelos rigores do mundo, assemelha-se a daqueles que estão sem Deus. Essa frase, muito séria, implica que para ouvirmos sua voz, para um relacionamento sério e saudável com o Pai, devemos eliminar de nosso meio esse tipo de comportamento. Foi mais ou menos esse o recado que Paulo enviou em sua carta aos Efésios:

*Portanto, sejam imitadores de Deus, como filhos amados, e vivam em amor; como também Cristo nos amou e se entregou por nós como oferta viva e sacrifício de aroma agradável a Deus. **Entre vocês não deve haver nem sequer menção de imoralidade sexual** como também de nenhum espécie de impureza e de **cobiça**; pois essas coisas não são próprias para os santos. **Não haja obscenidade, nem conversas tolas, nem gracejos imorais, que são inconvenientes**, mas, ao invés disso, ações de graças. – Efésios 5.1-4, Nova Versão Internacional.*

Existem muitas coisas em nosso meio que **não convém a santos**. Antes de pensarmos em iniciar um jejum por qualquer que seja o motivo, devemos ter certeza de que essas coisas foram retiradas de nosso meio. Essa última exigência de mudança interna implica numa transformação de linguagem, trocando qualquer semelhança com o mundo caído pela

pureza que convém a Santos do Senhor.

À semelhança dos versículos anteriores, primeiro uma mudança interna foi exigida, mas logo em seguida essa mudança parece ter levado a outra, agora em direção aos nossos semelhantes necessitados:

“E se abrires a tua alma ao faminto” (Almeida Corrigida e Fiel). A tradução literal desse verso, segundo a Bíblia de Jerusalém é: “se deres ao faminto a tua alma”; se seguirmos a Septuaginta teremos “se deres ao faminto o pão da tua alma”. É inegável que as exigências anteriores em relação ao próximo são materiais, e implicam numa ajuda substancial ao necessitado, mas esse segunda lista de obrigações para o verdadeiro jejum tem implicações mais profundas, passa a falar da necessidade espiritual daqueles que nos cercam. Passa-se a falar do “pão da alma”, e isso quer dizer muita coisa. Em pelo menos duas ocasiões importantes Jesus falou desse pão espiritual, em Mateus 5.6, onde são “bem-aventurados os que tem fome e sede de justiça, porque serão satisfeitos”, e em João 6.35, onde ele se declarou como “o pão da vida”. Esse verso de Isaías fala da necessidade de uma fé não egoísta, que se preocupe com o próximo em todos os sentidos, inclusive o espiritual. Ele nos leva a perguntar qual tem sido a utilidade de nossa fé para aqueles que nos cercam. Será que não temos sido egoístas, preocupados apenas em nos alimentar espiritualmente, em satisfazer nossas dúvidas, receber nossas bênçãos? Será que não temos pensado apenas em nosso mundo, em nosso restrito círculo de amizades? E no trabalho? E no dia a dia? O quanto do “pão da nossa alma” tem sido compartilhado com o próximo? Quantas pessoas passam por nossas vidas, até mesmo nos grupos ou na “Igreja” com muita fome espiritual e nós as deixamos passar sem um simples “bom dia, como você está?”. Não teremos um relacionamento saudável com Deus sem antes passarmos a nos preocupar com o próximo. Voltando a primeira epístola de João, o problema é muito mais sério:

Amados, amemos uns aos outros, pois o amor procede de Deus. Aquele que ama é nascido de Deus e conhece a Deus. Quem não ama não conhece a Deus, porque Deus é amor. Foi assim que Deus manifestou o seu amor entre nós: enviou o seu único Filho ao mundo, para que pudéssemos viver por meio dele. Nisto consiste o amor: não em que nós tenhamos amado a Deus, mas em que ele nos amou e enviou seu Filho como propiciação [conciliação, modo de cobrir os...] por nossos pecados. Amados, visto que Deus assim nos amou, nós também devemos amar uns aos outros. Ninguém jamais viu a Deus; se amarmos uns aos outros, Deus permanece em nós, e o seu amor está aperfeiçoado em nós. – 1ª João 4.7-12, Nova Versão Internacional (com acréscimos para facilitar a compreensão do texto).

Por tudo que aprendemos até agora, fica claro que o jejum que agrada a Deus não é a abstinência de alimento com interesses místicos, baseada na pseudo necessidade de purificação da carne para que possamos nos apresentar mais santos ou mais puros diante dele. Tal jejum é extremamente egoísta e, infelizmente, exclui o próprio Deus como agente santificador de seus filhos. O jejum que Deus escolheu, aquele que O satisfaz, é prático e não intelectual. Envolve renúncia diária e permanente. É um jejum de nós mesmos!

O texto de João encaixa-se perfeitamente em Isaías. Ninguém jamais viu a Deus, disse o apóstolo, então, a única maneira de enxergar a face do Senhor é através dos olhos de nossos irmãos. Vemos Jesus em cada lágrima enxugada, em cada abraço, em cada oferta entregue para quem realmente precisava. Vemos Jesus sempre que negamos a nós mesmos para servir ao nosso próximo. O Cristianismo não é uma fé intelectual ou mesmo mística, não faz-se de êxtases ou contemplações, mas da prática, da atitude da fé:

Sejam praticantes da palavra, e não apenas ouvintes, enganando-se a si mesmos. Aquele que ouve a palavra, mas não a põe em prática, é semelhante a um homem que olha a sua face num espelho e, depois de olhar para si mesmo, sai e logo esquece a sua aparência. Mas o homem que observa atentamente a lei perfeita, que traz a liberdade, e persevera na prática dessa lei, não esquecendo o que ouviu mas praticando-o, será feliz naquilo que fizer. Se alguém se considera religioso, mas não refreia a sua língua, engana-se a si mesmo. Sua religião não tem valor algum! A religião que Deus, o nosso Pai, aceita como pura e imaculada é esta: cuidar dos órfãos e das viúvas em suas dificuldades e não se deixar corromper pelo mundo. – Tiago, 1.22-27, Nova Versão Internacional.

São duas passagens da Escritura que não precisam de explicação e que não deveriam ser esquecidas. Não podemos mais enganar-nos a nós mesmos e esperar servir a Deus do alto de nosso egoísmo. O texto de Isaías é enfático em dizer que Deus não se agrada daqueles que retiram um dia apenas de sua vida, para ocasionalmente viver seu Reino. Isso não é religião! Isso não é Cristianismo! Deus não quer de nós apenas um dia, apenas uma hora, quer toda a nossa vida, cada segundo. E o texto de Tiago nos exorta com muita propriedade. Esse estudo sobre jejum será um engano em nossas vidas se apenas somar-se a nossa bagagem intelectual, se for apenas mais uma coisa que aprendemos, mais um “curso” concluído. Temos a obrigação de pôr em prática o que aprendemos, para não tornar as nossas vidas uma mentira colorida com belas histórias bíblicas. A palavra grega para “religião” no texto de Tiago é *threskeia*, e quer dizer “adoração religiosa, temor a Deus, que se revela em práticas religiosas” (Strong, nº 2356). Por muito tempo vivemos no engano, achando que adorávamos a Deus com nossas canções, e nossas bandas versadas na boa técnica musical. Enganávamos a nós mesmos! Cuidar dos “órfãos e das viúvas” fala de assistir as necessidades daqueles que realmente precisam. Muitas vezes nos perguntamos por que existe doença, fome, pobreza e morte no mundo, por que as vezes nós mesmos passamos por duras dificuldades e nos sentimos terrivelmente desamparados! Por que Deus permite que crianças morram de desnutrição ou que missionários enviados por ele sofram de necessidades básicas enquanto tantos vivem tão confortavelmente suas vidas. A resposta é simples à luz daquilo que estudamos até agora: **porque Deus quer dar a seus filhos verdadeiros a oportunidade de manifestar a sua glória nesse mundo, de ver a sua face, de relacionar-se com Ele.** As crises do mundo são problema da Igreja. Cada um de nós é responsável pela diminuição da dor, da fome e da morte desse nosso planeta, com nossas simples ações do dia a dia. Não precisamos de muito! Telefonemas, abraços, perguntas simples, visitas, coisas que podemos fazer e que não nos custarão absolutamente nada além de negar-nos a nós mesmos por algumas horas, mas que nos trarão para mais

perto de um Deus que deu o maior exemplo de entrega e renúncia que a humanidade poderia esperar:

*Pois Deus amou tanto o mundo,
que entregou o seu Filho único,
para que todo o que nele crê não pereça,
mas tenha a vida eterna. – João 3.16, Bíblia de Jerusalém.*

Deus amou, isso foi um sentimento. **Deus entregou seu filho**, isso foi a atitude gerada pelo sentimento. **Deus amou e entregou seu filho para que todo o que nele crer não pereça**, esse foi o propósito do amor de Deus manifesto em atitude.

“e satisfazer o anseio dos aflitos” (Nova Versão Internacional). O texto de Isaías continua, e chegamos finalmente a última condição para o último **“então”**. Tiago continua nos ajudando a entender esses versos de Isaías:

*De que adianta, meus irmãos, alguém dizer que tem fé, se não tem obras? Acaso a fé pode salvá-lo?
Se um irmão ou irmã estiver necessitando de roupas e do alimento de cada dia e um de vocês lhe disser: “Vá em paz, aqueça-se e alimente-se até satisfazer-se”, sem porém lhe dar nada, de que adianta isso? Assim também a fé, por si só, se não for acompanhada de obras, está morta. – Tiago 2.14-17, Nova Versão Internacional.*

Deus espera de nós que o anseio dos aflitos seja satisfeito. Nossas orações são extremamente importantes e úteis, mas são infrutíferas se estiver ao nosso alcance ajudar alguém e apenas orarmos. Vamos acrescentar à nossa fé o máximo que pudermos de atitudes práticas. Vamos nos comprometer a entender a aflição de nossos próximos, de nossos irmãos primeiro, os da família, os da “Igreja”, os do trabalho, e ajudá-los da maneira que nos for possível, com o melhor de nós. Não porque esperamos algo em troca, mas porque Deus fez primeiro e nos deu o exemplo. **Então...**

“então, a tua luz nascerá nas trevas, e a tua escuridão será como o meio-dia” (Almeida Corrigida e Fiel). Esse **“então”** não precisa de explicação. Cada um de nós sabe a dor de se viver em trevas, e sabe como de vez por outra nos sentimos perdidos no escuro. Jesus disse que era a luz do mundo (João 8.12), e essa luz espera um posicionamento nosso para brilhar, espera que nós deixemos de lado as nossas vidas e nosso egoísmo para que Ele possa manifestar-se e de uma vez por todas acabar com o mal e com o sofrimento da humanidade. Jesus espera de cada um de nós um passo definitivo em direção a Ele e ao seu Reino, um passo que signifique comprometimento com a verdade e com o amor, um passo que implique num novo horizonte de lealdade e serviço ao próximo, que signifique que o melhor de nós vai ser doado, como o melhor de Seu Pai um dia foi na cruz do calvário.

Amanhã vamos estudar as implicações proféticas da prática do verdadeiro jejum, e entender como a Igreja Primitiva praticava isso de maneira correta e efetiva.

*Seus amigos e irmãos em Cristo Jesus: Emerson e Emanuel.
Curitiba: Domingo, 17 de fevereiro de 2008.*